
Fenomenologia existencial: subsídios para cuidar e compreender a vivência psicopatológica da ansiedade

Existential phenomenology: support to caring and understanding the psychopathological experience of anxiety

DOI: 10.12957/ek.2025.85856

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel¹

Universidade Federal do Pará

adelmapi@ufpa.br

Maria de Nazareth Malcher²

Universidade Federal do Pará / Universidade de Brasília

malchersilva@unb.br

RESUMO

No Brasil a reforma psiquiátrica enfrenta pressão de grupos por uma contrarreforma; assim como a clínica psiquiátrica tradicional se mantém orientada por paradigmas biomédicos, e pela psiquiatria do aprimoramento; entretanto, na conjuntura a psicopatologia fenomenológica existencial se mostra uma potente forma de revitalizar a atenção a pessoas em sofrimento psíquico, com destaque para a ansiedade. Assim, apresentamos uma revisão narrativa de teses, livros e artigos de 1995 a 2023, com os descritores: ansiedade, psicopatologia, fenomenologia; Gestalt-terapia, saúde mental; Brasil, América Latina, objetivando-se situar a inserção no Brasil da psicopatologia fenomenológica existencial, campos de aplicação, reforma psiquiátrica e estratégias clínicas para situar a compreensão da vivência ansiosa da pessoa. Resultados: a atitude fenomenológica refuta o modelo positivista de conceber a doença mental; promove o enfrentamento da dualidade interno-externo na concepção de sintoma, coloca a vivência da ansiedade e a significação dos sintomas como parâmetros do cuidado; contribui para os profissionais de saúde orientarem-se para o mundo da vida do usuário das unidades de saúde; as fenomenologias do Sul são pontos de vista latino-americano, em uma base sociocultural em desenvolvimento. Concluimos que, a clínica fenomenológica existencial favorece confrontar as políticas neoliberais da contrarreforma psiquiátrica e agenciar a visibilidade da experiência singular da pessoa.

Palavras-chave

Fenomenologia. Brasil. Psicopatologia. Ansiedade. Cuidar.

¹ Professora Titular na UFPA/Programa de Pós-graduação em Psicologia.

² Possui pós-doutorado em Psicologia pela UFPA; é terapeuta ocupacional na Universidade de Brasília- e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPA.

ABSTRACT

In Brazil, psychiatric reform faces pressure from groups for a counter-reform; just as the traditional psychiatric clinic remains guided by biomedical paradigms and improvement psychiatry; However, at this juncture, existential phenomenological psychopathology proves to be a powerful way of revitalizing attention to people in psychological distress, with emphasis on anxiety. Thus, we present a narrative review of theses, books and articles from 1995 to 2023, with the descriptors: anxiety, psychopathology, phenomenology; Gestalt therapy, mental health; Brazil, Latin America; aiming to situate the insertion in Brazil of existential phenomenological psychopathology, fields of application, psychiatric reform and clinical strategies to situate the understanding of the person's anxious experience. Results: the phenomenological attitude refutes the positivist model of conceiving mental illness; promotes coping with the internal-external duality in the conception of symptoms, placing the experience of anxiety and the meaning of symptoms as parameters of care; helps health professionals orient themselves to the lifeworld of health unit users; Southern phenomenologies are Latin American points of view, on a developing sociocultural basis. We conclude that the existential phenomenological clinic favors confronting the neoliberal policies of psychiatric counter-reform and promoting the visibility of the person's singular experience.

Keywords

Phenomenology. Brazil. Psychopathology. Anxiety. Care.

1 INTRODUÇÃO

A fenomenologia é uma proposição científica de estudos filosóficos diversos que, com Edmund Husserl e Martin Heidegger, oferece a clínica psicológica e a psicopatologia subsídios para a compreender a vivência da ansiedade, a saúde mental e o sujeito em sua ampla complexidade. É também uma ontologia que sustenta a psicoterapia praticada por profissionais de saúde que fundamentam sua visão de pessoa e mundo em um horizonte que antecede a reflexão, ou que se funda na apreensão da coisa mesma, do como os acontecimentos são percebidos e vividos; e precede o conhecimento técnico e científico.

Moreira (2020) caracteriza que a fenomenologia, “Formulada na Alemanha por Edmund Husserl pode ser caracterizada como o estudo descritivo “despreconceituoso” (“sem um conceito prévio”) do que aparece na consciência, na maneira como aparece. Focaliza as maneiras como os objetos são constituídos na experiência do sujeito. (Moreira, 2020, p 724). Nos desenvolvimentos subsequentes, com Heidegger instalou-se a ruptura com o desenho da fenomenologia transcendental de Husserl configurando,

A fenomenologia existencial, base de escolas e linhas de pensamento contemporâneas em psicologia, psiquiatria, psicoterapia e psicopatologia. A filosofia de Heidegger estrutura-se sobre os conceitos Dasein, ser-no-mundo, angústia, decisão. Seu trabalho gira em torno do sentido de ser, seus modos e maneiras de enunciação e expressão. Ele explicita o engano

da tradição de uma compreensão ôntica (do ente), em detrimento de uma compreensão ontológica (do ser) (Moreira, 2020, p 727).

Este prólogo abaliza a importância e a densidade dos estudos fenomenológicos existenciais, e posteriormente hermenêuticos para os diversos sistemas teóricos em Psicologia; e delimita como objetivo geral na escritura a revisão narrativa da inserção do escopo no Brasil, focalizando o campo da saúde mental, priorizando a ansiedade, reforma psiquiátrica e contrarreforma; e objetivos específicos: a) situar o horizonte das publicações científicas brasileiras e latino americanas entre 1995 a 2023; b) apresentar a concepção de psicopatologia ancorada na fenomenologia existencial. (Rother, 2007)

A delimitação de reflexões acerca da vivência ansiosa é abalizada nas pesquisas e prática clínica em Gestalt-terapia (GT) de uma das autoras. A GT é um sistema teórico e técnico inspirado na fenomenologia existencial; portanto, requer no manuscrito uma seção para situar as articulações do enfoque da vivência da ansiedade. (Pimentel, 2025). Além disso indicamos que, em alguns estudos epidemiológicos: “dados de 2017 no Brasil, a Organização Mundial de saúde (OMS), situa que, 9,3% (18.657.943) das pessoas estavam sofrendo com transtorno da ansiedade, considerada como mal do século”. (Cardoso, et al, 2023, p 3). Sobre a ansiedade, em algumas regiões brasileiras confirma-se que “Tanto a América Latina como o Brasil apresentam taxas de prevalência de ansiedade maiores do que a média global, sendo que o Brasil está situado na 4ª. posição entre os países ao redor do mundo”. (Mangolini, Andrade & Wang, 2019, p 420).

Consideramos necessário para compreender e elaborar a intervenção fenomenológica existencial pensar as gêneses da ansiedade, fora do enquadre, exclusivamente, biológico e patológico. Ilustramos com a menção da obra *O Normal e o Patológico* de Georges Canguilhem, publicada originalmente em 1943 como tese de doutorado em medicina, revisada e ampliada em 1966. O autor questionou os fundamentos científicos e filosóficos que sustinham as noções de *normal* e *patológico* na medicina moderna, pautada em conceitos herdados do positivismo e da biologia do século XIX. “Normal” não é um estado fixo, mas uma capacidade de criar normas, de se adaptar às mudanças do ambiente; e “patológico” é uma perda da capacidade do organismo de se regular e se adaptar. A doença é uma experiência vivida, é sofrimento, mal-estar e desorganização que a pessoa doente sente em relação ao seu mundo. (Canguilhem, 2011)

Na postura fenomenológica existencial identificamos na gênese psicossocial da ansiedade não adaptativa, alguns importantes fatores de risco: o gênero, porquanto

mulheres, com sua elevada carga de trabalho, e reduzida rede de apoio são mais suscetíveis; bem como, jovens com menor grau de escolaridade. Neste horizonte, a violência que acomete os grandes centros urbanos, e novas “modalidades” de roubos e agressão se destacam como fontes de ameaça psíquica e física. (Eleutério,2023).

As mulheres, em sua diversidade de gêneros são delimitadas como sujeitos. Nos preocupa elucidar aspectos da vivência da ansiedade, em uma perspectiva da educação de gêneros, referência que permite questionar, compreender e ressignificar as orientações contidas na socialização familiar e escolar de meninos, objetivando superar hierarquias e implantar a equidade na interação social com as mulheres. A abordagem crítica-reflexiva na educação de gêneros visa contribuir para a desnaturalização das construções do masculino e do feminino (Silva, Machado & Sales, 2021).

Com estes indicadores explanamos a relevância social e científica do texto. Situamos fontes e análises dos estudos no campo fenomenológico, tecendo críticas para definir um posicionamento ético e político, porquanto, “Toda abordagem clínica comporta discutir as decisões que orientam suas práticas, para que não se converta em um dispositivo de adaptação social”. (Lemke, Costa & Ravello, 2020 p.128)

2 MÉTODO

Revisão narrativa de estudos fenomenológicos: teses, livros e artigos de 1995 a 2023 objetivando-se situar inserção no Brasil, campos de aplicação, atualizações, reforma psiquiátrica e estratégias clínicas descritas para situar como a pessoa em sofrimento mental é compreendida. De acordo com Rother (2007), “Revisão narrativa são publicações amplas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual. Constituem de análise da literatura publicada em livros, artigos impressos e/ou eletrônicos na interpretação e análise crítica pessoal do autor.” (Rother, 2007 p. 1).

Os descritores usados foram: ansiedade, psicopatologia, fenomenologia; saúde mental; Brasil, América Latina. Buscados na base de dados Scielo, encontramos 33 em psicopatologia; 49 em ansiedade, usando o filtro ciência e saúde coletiva, e 63 com o filtro estudos de psicologia (Campinas). No *Google Acadêmico* localizamos os quatro livros e uma tese de doutorado. Os artigos tinham variados escopos; deles selecionamos 24 pelos critérios de focalização na abordagem fenomenológica e gestáltica da ansiedade; textos históricos em saúde mental, e de articulação entre a psicopatologia, psicologia e a

fenomenologia. Os demais foram excluídos. Para análise fez-se a leitura completa dos materiais identificando os principais argumentos e autores em cada material, sistematizando as categorias: inserção da fenomenologia no Brasil; Reforma e a contrarreforma psiquiátrica; Psicopatologia fenomenológica e ansiedade, e um olhar a partir da Latino América.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Inserção da fenomenologia no Brasil

De acordo com Paim (1996) no texto “No Brasil dos anos 30 do século XX, a semente dos estudos fenomenológicos se instalou no país”, apenas em 1958 houve uma publicação no âmbito do Direito por Miguel Reale. Após um hiato, nos anos de 1988, ainda, na área do Direito circulou a publicação de Moacir Teixeira de Aguiar. A partir destas balizas, outras áreas como Filosofia, Sociologia e Psicologia receberam a inspiração fenomenológica, por exemplo, Leonardo Van Acker na Faculdade de São Bento, atual PUC/SP; Alfred Schultz na Sociologia e Creusa Capalbo na Filosofia e Ciências Humanas.

Na esfera da enfermagem, em um texto conciso sobre Husserl e Heidegger as autoras referem que a fenomenologia, “É uma filosofia do século XX que tem como ponto de partida os dados imediatos da consciência. Por isso seu estilo é voltado para o interrogativo, o radicalismo e o inacabamento essencial existente no fenômeno”. (Silva *et al*, 2006 p.255). As articulistas criticam o tecnicismo presente no trabalho da enfermagem, e ressaltam, “A abordagem fenomenológica para a compreensão do ser, permite aproximar-se do cuidar autêntico” (Silva *et al*, 2006 p.256).

Goto (2007) apresentou em sua tese de doutorado o percurso desenvolvido por Husserl para elaboração de uma psicologia fenomenológica. Expõe os três níveis fenomenológicos característicos da investigação: *fenomenologia descritivo-estática*, *fenomenologia genética* e *a fenomenologia generativa*. Delineia cada um deles visando contribuir no trabalho de psicólogos interessados em “desvelar” as camadas que constituem a subjetividade, a consciência, o eu, a temporalidade. (Husserl, 2000).

Examinando cada um dos níveis pontua:

Nível descritivo-estático: A consciência intencional, a forma ou os modos de se darem as coisas – significados. Este nível se desdobra em análise constitutiva e estrutural. Nível genético: Desvelamento do processo de

constituição da consciência. Em busca da gênese fenomenológica e da necessidade de reduzir a consciência para se retornar ao mundo, o caminho proposto por Husserl foi reduzir ainda mais a consciência para encontrar o seu nível transcendental. Nível generativo: Pouco elaborado por Husserl, devido a sua morte. Foi um giro metodológico que permitiu inserir a questão da historicidade do sujeito e do mundo” (Goto, 2007, p 75-83).

As notas sobre a metodologia fenomenológica husserliana indicam que esta permite aos pesquisadores em saúde compreender o mundo da vida, historicamente constituído e alterado pela mediação dos atos de consciência e significados configurando, “O *método generativo*, interessada em investigar a constituição da consciência e do objeto, analisar como as estruturas históricas e interpessoais tornam-se cheias de sentido” (Goto, 2017, p.84).

3.2. Reforma e contrarreforma psiquiátrica

Nesta seção tecemos uma sucinta reflexão sobre aspectos da reforma psiquiátrica no Brasil. Uma análise do “debate em torno da reforma psiquiátrica” alude que, “A doença mental, objeto construído há duzentos anos, implicava o pressuposto do erro da razão”. Na lógica da asserção, o autor afirma que exercer a razão plena “implicava em liberdade de escolha, o pré-requisito da cidadania”. (Amarante, 1995 p.491)

Amarante assinala a limitação do postulado científico e econômico hegemônico, que denota ações de exclusão e manipulação de alguém nomeado “louco”. Elas são praticadas pelo estado, instituições e familiares, por meio das pressões psicológicas e jurídicas, “O asilo psiquiátrico tornou-se o imperativo para todos aqueles considerados loucos, despossuídos da Razão, delirantes, alucinados. O asilo transformou-se no maior e mais violento espaço da exclusão, de sonegação e mortificação das subjetividades.” (Amarante, 1995 p. 491).

O autor prossegue suas reflexões descrevendo, a partir dos anos 70 e 80 do século XX, o difícil caminho pela *desinstitucionalização*, envolvendo vozes, ações e lutas de trabalhadores na saúde, da sociedade e familiares, em prol de outra concepção de cidadania para os “loucos”, e de outro modo de vê-los e ouvi-los. Pelejas por mudanças nos serviços psiquiátricos, criação de Centros de Atenção Psicossocial; da Lei Paulo Delgado, “que propõe a extinção progressiva do modelo psiquiátrico clássico, com sua substituição por outras modalidades assistenciais e tecnologias de cuidados” (Amarante, 1995 p. 492).

As práticas de supressão da cidadania da pessoa em sofrimento mental evidenciam a “imposição” (pelo estado e ciência) da razão como qualidade da “liberdade”, incompatível com o ponto de vista fenomenológico existencial fundamentado em uma ontologia da liberdade humana, em que a premissa é realizar planos existenciais baseados em uma concepção filosófica de “liberdade”, que permite a humanidade desenvolver, “A construção de sua própria vida, existência, por meio de suas ações e condutas, de sua liberdade de escolha. Não é uma liberdade como adjetivo, mas uma condição, e a consequência dessa condição é a responsabilidade”. (Massoco, 2021 p.50).

Situando a abordagem fenomenológica, “Entende Basaglia que seria necessário promover uma redução fenomenológica (*épochè*), colocando a (doença mental) entre parênteses, para ocupar-se do doente em sua experiência concreta de sofrimento”. (Amarante 1995, p.493). Sobre a *fenomenologia como base epistemológica e ética do movimento desalienista na França e no Brasil* sua contribuição é apresentada, “Só tem sentido se praticada no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como um questionamento permanente, filosófico e político, das instituições e das práticas. Os diversos dispositivos terapêuticos não devem ser fixados, mas concebidos como seres vivos”. (Goze, *et al*, 2019, p 274 p.277).

Oka & Costa (2022) analisam os caminhos da contrarreforma psiquiátrica brasileira. (Parente, 2022; Manganaro, 2006). Pontuam que, no período entre 1970 e 2000 ocorreu a reforma no modelo hospitalocêntrico asilar manicomial, a desinstitucionalização com alavancas do movimento dos trabalhadores em saúde mental; nos anos 2000 destaca-se a criação da rede de serviços substitutivos, fundamentado no territorial comunitário, criação no Serviço Único de Saúde da Rede de Atenção Primária em Saúde; entre 2015 a 2022 avanços da política econômica neoliberal e das posições neoconservadoras dos políticos, empresários, gestores, etc., desembocando no que os autores alcunham de “contrarreforma psiquiátrica”,

Os principais focos de retrocesso da contrarreforma psiquiátrica são na Rede de Atenção primária de Saúde; na Política sobre drogas (agora antidrogas), na política de saúde mental geral, no sistema único de saúde, no sistema prisional, nos direitos dos adolescentes, no serviço único de assistência social (p.10); na ênfase ao cuidado ambulatorial, defesa das comunidades terapêuticas como dispositivo central do cuidado em álcool e drogas. (Oka & Costa, 2022 p.14)

Nabarrete & Bastos problematizaram as políticas públicas em saúde mental no Brasil, examinando legislações e as dinâmicas do atendimento, após os anos 2000, com

destaque aos retrocessos: “Profissionais reproduzindo práticas obsoletas e excludentes; Reabertura do Hospital Dia; criação do CAPSad IV em comunidades terapêuticas, internação; aparelhos de eletrochoque, aumento de leitos psiquiátricos, internações de crianças e adolescentes” (Nabarrete & Bastos, 2023 p 10194-10195)

3.3. Psicopatologia fenomenológica, ansiedade e enfoque gestáltico

Na seção estabelecemos a aplicação dos fundamentos fenomenológicos a psicopatologia, alcançando a forma atual em que o trabalho clínico se realiza por meio da Rede de Atenção Psicossocial, RAPS; seguida da apresentação da compreensão gestáltica da ansiedade.

Van Den Berg (1973) descreveu um paciente que, quando saía de casa sentia medo, palpitações constantes, taquicardia, e ao voltar para casa, os sintomas abrandavam. Com vida social restrita à sua casa, onde recebia poucos amigos, um tema que o “alegrava” era criticar as mulheres, “As discussões em que arrasava o sexo feminino tinham o dom de fazê-lo sentir-se em boa saúde, eufórico, podia rir e esquecia-se do seu coração” (Van Den Berg, 1973, p.11).

A observação do psiquiatra indica uma base social dos sintomas do paciente, ou seja, a relação ou a não relação com as mulheres eram difíceis. Berg, ainda apresenta a complicada relação do paciente com os pais e a falta de prospecções para o futuro. Por fim, organiza as queixas em quatro grupos: relações com o mundo; o corpo; as outras pessoas e com a temporalidade. O corpo do paciente tem no coração o principal órgão afetado, enquanto soma e símbolo da precária não vivência do amor, “A relação entre o homem e o mundo é tão íntima que seria errado separá-los num exame psicológico ou psiquiátrico. Se forem separados, o paciente deixará de ser esse paciente particular”. (Van Den Berg, 1973, p. 16 e 41)

Schneider (2009) apresentou uma reflexão sobre aspectos da “história da loucura”, com destaque aos cortes epistemológico e ontológico na concepção de doença, em geral, feitos pela ciência médica, com adoção pela psiquiatria, que,

Buscou evoluir para o modelo anatomopatológico, em termos de uma transposição mecânica da lógica da medicina, ao buscar nas psicopatologias os mesmos tipos de agentes externos, lesões ou disfunções orgânicas que encontrariam nas patologias médicas, voltando-se para o cérebro como órgão sede do psiquismo, desconsiderou totalmente a especificidade das variáveis psicossociais constituintes dos quadros

psicopatológicos. As dificuldades psíquicas ganharam gradualmente o estatuto de *doença*, sendo inicialmente consideradas como “doenças sem causa conhecida”, mas compreendidas como sendo *entidades mórbidas* (Schneider, 2009, p.66)

A autora discorreu às contribuições da fenomenologia a psicopatologia, citando vários psiquiatras fenomenológicos; entretanto, demarca o pensamento do filósofo existencialista Sartre como principal interlocutor, “Alguém ser “sujeito do seu ser” é ser titular de um projeto tecido, em uma trama de relações macrossociais e microssociais. A psicopatologia é a inviabilização do projeto do sujeito”. (Schneider 2009, p.73)

Karwowski (2015) focalizou às dificuldades dos profissionais de saúde iniciantes,

Aproxima-se esse iniciante da fenomenologia, negando a nosografia, mas desconhecendo estar, em busca de princípios e regras que, à semelhança de outras perspectivas teórico-científicas, apresentem sistematicamente etiologia, descrição, categorização, prognóstico e terapêutica; bastando para o iniciante que em sua prática clínica realize a correlação dos acontecimentos humanos prévios e relativamente padronizados com as descrições estruturadas e explícitas na teoria da psicopatologia fenomenológica, a fim de obter condução a procedimentos seguros que, por sua vez, desencadeiem a de cura (Karwowski, 2025, p.63)

O autor, aponta a contradição entre a expectativa do iniciante e a proposição fenomenológica de suspensão do *a priori* e indica a finalidade da articulação entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia, “A relação entre fenomenologia e psicopatologia não diz respeito a uma teoria fenomenológica aplicada às psicopatologias. Seu vínculo com estas é de *implicação* e não de aplicação”. (Karwowski, 2025, p.63).

Pensamos que, em diferentes graus, a afirmação do autor se estende para os psicólogos e psiquiatras “antigos/experientes”, na medida em que sucumbem as exigências dos discentes em formação; dos familiares dos clientes/usuários; associações de pós-graduação, etc., a “mostrar” resultados e eficácia.

Sobre o psicodiagnóstico Karwowski (2015) pondera que, “A característica da fenomenologia não é apontar para as verdades constituídas pela ciência, filosofia, religião ou senso comum, e desbancá-las, relegando-as à falsidade, mas assegurá-las em sua condição de verdade, e também de provisoriedade”. (Karwowski, 2015, p 63).

Acerca do diagnóstico psicopatológico fenomenológico, em uma perspectiva dialético essencialista, Messas & Fukuda (2018), afiançam que, “ O estatuto ontológico dos transtornos mentais permanece indefinido. O objeto da ciência psicopatológica é a exploração aprofundada das vivências transtornadas”. (Messas & Fukuda, 2018, p. 160).

Também, descrevem os conceitos que sustentam a escolha epistêmica que fizeram: *essência psicopatológica; proporção dialética; estrutura,*

A essência de um transtorno psíquico é uma composição desequilibrada de proporções antropológicas, que desfavorece o pleno desenvolvimento da existência ligada a mobilidade antropológica. Quando o transtorno impede ou dificulta a atualização da vida a essência psicopatológica é alterada; as condições de possibilidade da existência singular nas quais se insere uma formação essencial patológica. (Messas & Fukuda, 2018, p 162)

Os conceitos desenvolvidos pelos autores visam a elaboração do diagnóstico psicopatológico fenomenológico, de modo a orientar os psicólogos e psiquiatras a “Identificar as essências psicopatológicas e seu sentido nas estruturas existenciais individuais. O diagnóstico atinge um plano existencial profundo, que depende do conhecimento minucioso das experiências transtornadas do paciente” (Messas & Fukuda, 2018, p. 162).

Lemke, Costa & Ravanello (2020) criticam a *ontologia positivista*, presente nos princípios do DSM, desde a sua primeira elaboração. Em destaque o DSM III, que na década de 1960 levantou a hipótese dos neurotransmissores para o diagnóstico e tratamento da ansiedade, aprofundando os modelos de racionalidade biológica. Citam o professor Christian Dunker para mencionar a mudança com alteração categorial,

A substituição da neurose de angústia pela categoria do transtorno do pânico, que passou a ser abordada por meio de medicações que interferem nos circuitos biológicos de luta e fuga. A hipótese da recaptura da noradrenalina foi utilizada para explicar o mecanismo da ansiedade. Salienta o autor, o transtorno é considerado um *déficit* de substância neural, em que a medicação entra de modo compensatório, realizando aquilo que o corpo não pode realizar por si mesmo. (Lemke, Costa & Ravanello, 2020, p. 131)

Silva & Décio (2020) abordam fenomenologicamente *as crises existenciais na contemporaneidade*, (Heidegger, 2013). Fundamentando suas reflexões na analítica heideggeriana do *ser-aí* sobre a “indigência do nosso tempo” criticam, “A explicação superficial das ciências naturais positivas (neurológicas), uma vez que, o ser humano é visto apenas como uma composição químico-física, uma substância, detentor de determinadas propriedades inatas biológicas” (Silva & Décio, 2020, p.286). Alegam que é necessário discorrer o humano contextualizado em sua temporalidade e historicidade em,

Um exercício de interpretação fenomenológico atentando para aquilo que se mostra, em nosso tempo, contido nas vivências intencionais de cada afinação enquanto experiência. Tais fenômenos, ou tonalidades afetivas, não são, uma “coisa”. Tampouco podemos dizer suas “causas” do ponto de vista químico-físico, justamente pelo fato de a existência do ser humano não ter um ponto de início nem de chegada, nem um processo a ser racionalmente organizado, mas sim travessia, afetação. (Silva & Décio, 2020, p.286)

A era da positividade com bombardeio de solicitações exigentes na conjuntura neoliberal: enriquecer, status, ser bonita, atraente, jovem... somos pressionados por coisas fúteis e degradantes. “O problema não é ser instado, mas o excesso de solicitações, no qual leva a emancipação dos fenômenos como stress e ansiedade”. (Silva & Décio, 2020, p.290-292).

Não conseguir cumprir as exigências sociais amplia o acometimento da ansiedade mantendo a saúde à sombra da existência. Viver em um mundo “performático” configura o “Adoecimento existencial, um abatimento que corrói todo nosso ser; a desopressão, uma forma de desassossego oposto ao da opressão, quando não somos mais solicitados, esvaziados da interpelação, ficamos em outra forma de chamado: o vazio”. (Silva & Décio, 2020, p.292).

Em consequência desta conjuntura, instala-se a desopressão que acomete os aposentados, as idosas, pessoas que habitam as ruas; a população GLBTQIA+, entre outros, significando a instalação do vazio. A proposição indica que a ansiedade passa a ter “vida autônoma” em relação a existência do *ser-aí*, tornando o sujeito “apto” a receber a medicação que, em doses excessivas, pode levar a intoxicação e ao silenciamento da pessoa.

Em 2023, Messas escreveu sobre os *cem anos da psicopatologia fenomenológica*, completados em 2022, em um raciocínio sobre *visões de mundo* que os modelos em psiquiatria contêm em seu *corpus* teórico. A psiquiatria no século XIX tinha como objeto as doenças cerebrais, instituindo no tratamento, “Uma visão mecânica, causalista, com a finalidade de controlar o mundo, (nunca morreu), mas não se mostrou muito hábil em construir uma representação do ser humano que impedisse tudo que o século XX viu acontecer na história” (MESSAS, 2023 p. 5). A contribuição da visão fenomenológica tem como “foco a experiência vivida do fato patológico, deslocar a atenção da causalidade para a consciência, para a experiência em si.” (Messas 2023 p. 6)

Distinguir o avanço das estratégias tecnológicas: tomografia computadorizada, ressonância magnética, inteligência artificial, usadas pela medicina requer do profissional de saúde mental impedir generalizações, além de adotar no estudo e nos tratamentos em saúde mental/ansiedade a focalização das diferenças, dos significados e sentidos. Destarte, a fenomenologia existencial indica a primazia de um caminho centrado na forma de elucidar como a pessoa humana é, antropologicamente, compreendida; bem como o desvelamento da experiência singular. Deste modo, na prática clínica elegemos apreender como a pessoa percebe e responde aos pleitos do mundo, adaptando-se “passivamente” às injunções, e/ou apurando sua voz na apreciação crítica e formulação de escolhas opostas as imposições.

Esta estratégia soma-se ao acolhimento e a atenção psicossocial em serviços públicos oferecidos pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de saúde mental (Centro de Atenção Psicossocial, Ambulatórios Especializados, etc), o pilar da política de saúde mental praticada no Brasil, oriunda do esforço dos trabalhadores de saúde mental, a partir dos anos 80 do século XX, que resultou, entre outros aportes institucionais, na eliminação dos manicômios e criação de espaços de acolhimento.

Na RAPS, as fenomenologias contribuem para os profissionais desenvolverem concepções e atendimentos à pessoa que vivencia ansiedade, pois, “Diante da fragilidade do discurso da causalidade orgânica, coloca-se em perspectiva a possibilidade de as diferenças culturais serem os pontos cruciais para a definição dos padrões de normalidade e anormalidade”. (Lemke, Costa & Ravanello, 2020, p 129)

Acerca da ansiedade destacamos a necessidade de compreensão processual no horizonte da saúde e não da doença mental; no *mundo da vida*, não apenas no mundo da *razão conceitual*, em uma dimensão científica factual; mas, abrangendo a totalidade da esfera existencial humana. Conforme, Tenório (2003), “Compreender é relacionar um fenômeno psicológico com outro fenômeno psíquico com o qual mantém uma relação motivacional; estabelecer as relações de sentido que uma vivência ou uma expressão possam implicar” (Tenório, 20023, p.36). Igualmente aludimos a importância de o profissional de saúde identificar a gênese psicossocial da ansiedade para a efetivação da desinstitucionalização e do cuidado no território.

Nos afastamos também da “psiquiatria do aprimoramento”, que “[...] a passagem da lógica saúde-doença para suprir a demanda de indivíduos sempre devedores do melhor

de si. Nessa perspectiva, pesquisas sobre o efeito de drogas na disposição e comportamento de indivíduos saudáveis” (Neves *et al*, 2023, p 152). Ponderamos que na clínica da ansiedade a atitude fenomenológica permite compreendê-la como uma resposta existencial, em que o cuidado, a escuta e o diálogo formam a base na prática de profissionais de saúde, em conversação com abordagens interseccionais de marcadores da diferença, economia, habitação, alimentação, cor da pele, gênero, geração para identificar a participação na manifestação e significados da ansiedade. (Pimentel a, 2003; Pimentel b, 2023).

Em nossa compreensão gestáltica da ansiedade, a proposta de prática clínica se dá pelo entrelaçamento indissolúvel do individual ao social nas esferas do psicodiagnóstico colaborativo interventivo e da psicoterapia. Sua epistemologia é inspirada na postura da atitude fenomenológica que permite praticar a clínica em saúde mental de modo empático e dialógico nos contextos de atuação privada e pública.

A contextualização do pensamento da vivência da ansiedade requer assinalar que, há inúmeras fronteiras entre a vivência comum pelas pessoas, e a experiência que ocasiona sofrimento psicossocial. A demarcação é necessária para situar o ponto de vista da psicopatologia fenomenológica associado a Gestalt-terapia.

Araújo & Torrente (2023) mencionam a elevação do sofrimento mental no mundo, situando que no Brasil

O Brasil ocupa o quarto lugar entre os países da América Latina com maior crescimento anual de suicídios; em números absolutos, é o segundo dessa região das Américas. Há evidências de que o adoecimento mental se associa ao aumento na frequência e gravidade de outras doenças crônicas, ao crescimento do absenteísmo no trabalho e ao excesso de incapacidades. Estas evidências explicitam a necessidade de atenção a esses agravos no país. (Araújo & Torrente, 2023, p 1)

A observação demonstra o imprescindível da prevenção em saúde mental para, no âmbito da ansiedade evitar agravos, como, por exemplo associação depressiva e suicídios. As autoras reiteram a importância de retomar a valorização da “Proposta original da Reforma Psiquiátrica Brasileira, responsável por substituir o modelo assistencial biomédico, focado nos hospitais psiquiátricos monovalentes e no uso excessivo de psicofármacos, por um modelo desenvolvido com base em práticas centradas nos sujeitos, nos territórios e nos direitos humanos, conforme preconiza a Organização Mundial da Saúde”. (Araújo & Torrente, 2023, p 2).

No delineamento do sistema gestáltico, desde o início de sua composição pelo grupo liderado por Frederick Salomon Perls (1975, 1987), o conceito de contato é pilar, “Contato resulta em assimilação e crescimento. O processo de formação figura/fundo é dinâmico no qual as urgências e recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante”. (Perls, Hefferline & Goodman, 1987, p. 45). Destarte, no cotidiano da vida comum para que o fluxo de contato consciente seja realizado é necessário que a pessoa tenha suportes afetivos e sociais para desenvolver os autossuportes, “Quando a figura é opaca, confusa, deselegante, sem energia (débil), há falta de contato, algo no ambiente está obliterado; alguma necessidade orgânica vital não está sendo expressa” (Perls, Hefferline & Goodman, 1987, p. 46).

A falta de clareza da percepção e da resolução das próprias necessidades favorece a vivência de manifestações ansiosas pela pessoa, que, ao se cronificar tornam-se vivências neuróticas, pois, o seu sistema psíquico (personalidade) não consegue realizar a função de *alienação do ego*, significando que mais *introjeta* que escolhe informações recebidas do meio cultural/social. Assim, o desenvolvimento emocional em direção a autonomia fica comprometido.

Para um desenvolvimento psicológico criativo faz-se necessário que a pessoa consiga diferenciar-se do outro, o que se dá por meio da percepção da própria necessidade com maior valência, no momento em que ocorre; pela identificação do alimento que a satisfaça e pela eliminação (alienação) dos resíduos que não nutrem a pessoa.

Nesta dinâmica apresentada temos o funcionamento pleno da pessoa; contudo, a vida contemporânea encontra-se repleta de um amontoado de ofertas secundárias de produtos pela sociedade de consumo, que, muitas vezes causam ansiedade, e a pessoa confunde o acessório com a necessidade principal.

De que modo são instituídas as necessidades de consumo “fantasiadas” de individuais, mas, que são mercadológicas e secundárias? Por exemplo, pelos currículos escolares, abarrotados de conteúdos exigentes, competição, *bullying* e *ciberbullying*, com exclusão de crianças e adolescentes que “não se encaixam”; pelos agentes institucionais de marketing que estimulam a subjetivação para consumismo e “adaptações” da personalidade, do comportamento e do corpo em padrões que não serão alcançados devido a diferença genética com o modelo referenciado. Este conjunto de elementos passa

a regular a vida psíquica das pessoas provocando ansiedade que transcende a expressão comum.

Perls (1975) afirmou, “A humanidade tem criado a regulação moral, a regra ética, o sistema de condutas normativas” (p.77). Assim, a opressão social percebida inicialmente como conflito, passa a ser estabelecida como norma para evitar “O medo de ser rejeitado e realizar o contato, ainda que seja um pseudocontato” (p.79).

Considerando que no século XXI estamos em tempos de tecnologias da informação e comunicação, da internet e redes sociais virtuais, em que os agentes que ampliam a vivência ansiosa, muitas vezes são sutis na influência aos processos de subjetivação, faz-se necessário a equipe de saúde, com destaque à Psicóloga, desconstruir as configurações manipulativas, os avatares, e as representações massificadas de si mesma, que estimulam, impelem e mantêm elevada a ansiedade e o sofrimento psíquico (Perls, 1977). Uma prática clínica gestáltica, inspirada na fenomenologia existencial contribui para a recuperação da expressão criativa como qualidade originária da vida psíquica e social; vivência que enfrenta o autocontrole crônico como atributo dos processos ansiosos. Passemos a focalização das publicações sobre ansiedade na América Latina.

3.4. Um olhar a partir da Latino América

Para completar a revisão apresentamos um texto de autores da cidade de Cartagena das Índias e Bogotá na Colômbia. Conforme Cescon (2021), há “Fecundidade da pesquisa fenomenológica brasileira, diversidade dos temas e âmbitos de aplicação; pouco articulada com a que se desenvolve nos outros países latino-americanos, evidenciando um diálogo maior com a filosofia continental. (Cescon, 2021, p.73).

Para Martínez (2022) a concepção de ansiedade em base a princípios do existencialismo e da fenomenologia refere à “Ameaça a algún valor que el individuo considera essencial para su existência como persona” (Martinez, 2022, p. 39). Também apresenta a dinâmica psicológica da ansiedade,

O sintoma psicológico da ansiedade permite compreender o cenário a partir do qual transcende a apreensão, as preocupações e a diminuição do autocontrole. Porém, fica evidente a intenção de diminuição e pouco contato com a consciência que o indivíduo projeta em direção ao futuro, para tentar se desconectar do presente e alcançar uma atemporalidade que reduza seu contato com a consciência de si mesmo na experiência. Dessa forma, o indivíduo busca, tenta, almeja alcançar algo (expectativa),

gerando dentro da experiência de apreensão um sentido, para prevenir, defender ou proteger aquilo que está ou poderia estar em perigo. (Martínez, 2022, p 42).

Martínez (2022), ressalta a função de proteção da vida a perigos que a ansiedade vivida exerce. A psicoterapia em base a fenomenologia existencial se configura como,

A força – Potência – dentro da experiência psicoterapêutica é uma sucessão da própria condição humana, tanto o coagente quanto o terapeuta vivenciam as vicissitudes da existência de uma forma pessoal, individual e inevitável. Implica uma ligação da condição humana e que no seu encontro seja um encontro “vivo”, uma vivacidade que se move em diferentes níveis e significados, esse poder é um legado da existência que tanto o consultor quanto o coagente se afirmam sendo seres que se movem no quadro de uma situação psicoterapêutica de complexidade existencial, convergindo assim a vivacidade da existência um do outro, a vivacidade dos pressupostos, das preocupações e dos dilemas. (Martínez, 2022, p 13)

Araújo & César (2020) tematizam sobre as fenomenologias do Sul, como “pontos de vista latino-americano”, situando-as em uma base sociocultural. Os países citados por eles são: Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela, Chile, Uruguai, Venezuela, Peru, Colômbia, México, Cuba. Obviamente que em países tão diversos há que se fazer um esforço profundo e amplo para identificar e, posteriormente consolidar uma identidade do “Sul”. Por ora, as conclusões dos autores demonstram a amplitude de interesses e diálogos com autores europeus,

A fenomenologia, os estudos ontológicos, metafísicos e existencialistas também possuem pontes de diálogo com o marxismo e seu método materialista histórico e dialético, com estudos envolvendo questões identitárias do sujeito latino-americano como experiência do devir existencial pós-eurocêntrico ou decolonial. As temáticas fenomenológicas estendem-se a diferentes nichos científicos, de aplicação e reflexão metodológica ou de problematizações epistemológicas na perspectiva do método fenomenológico na América Latina. (Araújo & César, 2020, p 4)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na revisão selecionamos as fontes em base a delimitação dos descritores, sem rigorosa marcação temporal para a busca nas bases de dados, o que nos permitiu tecer algumas conclusões que denotam a relevância e vigor do trabalho:

a) em 1995 se deu start a criação da reforma psiquiátrica; e em 1996 em base ao escopo fenomenológico ocorreram as primeiras publicações no Brasil, produzidas na esfera do Direito. A cronologia demonstra proximidade entre o que se nomeia de segunda

fase da tarefa em saúde mental, empreendida pelos trabalhadores que buscavam melhor condição para o tratamento aos “alienados”, e a gênese da fenomenologia brasileira;

b) houve uma grande diferença entre os movimentos em saúde mental para a reforma psiquiátrica, e a pesquisa fenomenológica, isto é, o primeiro se deu coletivamente e estava maduro, apoiado nas interlocuções e referências internacionais; e o segundo foi individual, era embrionário, envolvendo trabalho de professores e juristas para “decifrar” saberes filosóficos, com difícil entendimento, sem apoio acadêmico/universitário, constituído na universidade por cátedras clássicas.

c) embora ainda incipiente no Brasil e na Itália, a fenomenologia foi associada a reforma psiquiátrica pela ruptura com o paradigma positivista presente na hospitalização, medicação e exclusão dos “alienados” da vida social, abrindo aos profissionais de saúde visão de incluir as percepções e vivências de quem está em sofrimento da vida, devido o horizonte de partida e de chegada dos cuidados ser o mundo da vida.

d) na especificidade da ansiedade foi possível observar que a fenomenologia preconiza que os profissionais de saúde atentem a experiência, a pessoa sem reduzi-la ao sintoma e a doença; que compreendam a vivência corporal integrada a consciência do sofrimento, não do sintoma; que considerem a gênese psicossocial na atenção em saúde mental, no contexto neoliberal gerador de excesso de solicitações, que induz a pessoa a ter dificuldade em realizar escolhas; provocador, igualmente da desopressão, uma forma de desassossego oposta ao da opressão; escutar, ver e recriar as formas e significados dos modos de realizar contato no mundo são estratégias clínicas fenomenológicas;

e) na esfera da Gestalt-terapia, a Psicóloga ao praticar a atitude fenomenológica pode refletir sobre a concepção de doença/sintoma; à exclusão da pessoa dos círculos sociais e a sua compreensão da ansiedade. Em decorrência consegue recriar a postura de cuidado, que passa a ser orientada como ontologia; estimular a cliente ou a usuária do serviço a focalizar novos significados e sentidos da ansiedade em sua vida.

f) embora haja indicadores de publicação na Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela, Colômbia entre outros, a produção científica em fenomenologia na América Latina, ainda há muitas pesquisas a realizar, diálogos a estabelecer para configurar uma composição *decolonial*, dada a força das referências aos precursores e sistematizadores europeus. No Brasil há presença, em todas as regiões de grupos e pesquisadores realizando esforços gigantescos para a empreitada.

Em 2023, a produção científica em saúde mental se diversificou, mantendo seu vigor e afirmação dos pilares ético e político democrático, em defesa de pessoas em sofrimento mental, que se dá em princípios da territorialidade e da assistência psicossocial, em uma vigilância constante para barrar as políticas neoliberais que, em busca da manutenção do ganho de capital procuram impor a contrarreforma psiquiátrica. Também as publicações fenomenológicas foram estendidas aos campos da filosofia, enfermagem, psicologia, psicopatologia, geografia, entre outros; e, a procura de uma identidade latino-americana ganhou potência, e foi inserida em associações científicas nacionais e internacionais. Por fim, apontamos que as ponderações deste texto trazem um convite às profissionais de saúde, a repensar o que é ser saudável em contextos diversos, dos tecnológicos aos que geram vulnerabilidades, extermínios étnicos, desglobalização; e no campo da psiquiatria, a reconhecer os limites do modelo biomédico tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARANTE, Paulo. Novos sujeitos, novos direitos: o debate sobre a reforma psiquiátrica no Brasil. Em: *Cad. Saúde Pub.* 11 (3): 491-494, jul/set. 1995.
- ARAÚJO, Gilberto César Couto de; SUZUKI, Júlio César. Fenomenologias do Sul. Latinidades, eixo 02: culturas, artes e sociedade. Em: Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços. *Anais*. 2020.
- ARAÚJO, Tânia Maria de; TORRENTE, Mônica de Oliveira Nunes de. Saúde Mental no Brasil: desafios para a construção de políticas de atenção e de monitoramento de seus determinantes. Em: *Epidemiologia e Serviços do SUS*, 32(1). 2023.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o patológico*, 7ª edição, Forense Universitária, 2011.
- CARDOSO, Iara Moreira Santos; PIRES, Maione Souza; NASCIMENTO, Ednardo de Souza; COELHO, Viviane Amaral Toledo; SOUZA, Carla Giselly de; MACHADO, Anna Lethicia de Oliveira; Ansiedade: abordagem a partir da atenção farmacêutica. Em: *Revista Saúde dos Vales*. 2023
- CESCON, Everaldo. Panorama da pesquisa fenomenológica no Brasil; *Eikasia: Revista de filosofia*, n 97, enero-febrero, 63-74. 2021
- ELEUTÉRIO, Filipe Mourão. *Violência urbana e medo do crime: efeitos psicológicos em profissionais da saúde*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023
- GOTO, Tommy Akira. *A (Re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. (Tese de doutorado). PUC-Campinas. 2007.
- GOZÉ, Thomas; PAIVA, Jurema; BLOC, Lucas; NAUDIN, Jean; MOREIRA, Virginia. A Fenomenologia como Base Epistemológica e Ética do Movimento Desalienista na

França e no Brasil. Em: *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica* - XXV (3) - 274-281, 2019.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 8.ed. RJ: Vozes. 2013

HUSSERL, Edmund. *A ideia da Fenomenologia*, tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal, Edições 70. 2000.

KARWOWSKI, Silvana Lazzarotto. (2015). Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica. Em: *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1), 62-73. 2015.

MANGANARO, Patrizia. A psiquiatria fenomenológico-existencial na Itália. *Memorandum*, 10, 85-92. 2006.

MANGOLINI, Verônica de Jesus; ANDRADE, Laura Helena; WANG, Yuan-Pang. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. Em: *Revista de Medicina*, São Paulo, v. 98, n. 6, p. 415-422, 2019.

MARTÍNEZ, Guillermo Augusto; FERNÁNDEZ, Álvaro Andrés Hernández. *Crónicas de la existencia psicoterapéutica: enfoque basado en la psicología fenomenológica existencial*. Cartagena: Universidad de San Buenaventura; Editorial Bonaventuriana. 2022.

MASSOCO, Caio Warchol Fileni. *Existencialismo e ensino de filosofia*. Tese de doutorado Araraquara, UNESP. 2021

MESSAS, Guilherme Pereira. Os cem anos da psicopatologia fenomenológica: reflexões sobre uma visão de mundo. *Psicopatol. Fenomenol. Contemp.* v. 12 n. 2, 1-25: Edição especial. 2023.

MESSAS, Guilherme Pereira; FUKUDA, Lucas. O diagnóstico psicopatológico fenomenológico da perspectiva dialético-essencialista. Em: *Revista Pesquisa Qualitativa*. v.6, n.11, 160-191, ago. 2018.

MOREIRA, Virginia. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. Em: *Psicologia em Estudo*, v 15, n 4, 723-731, out, 2010

NABARRETE, Luana Mayara de Souza; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. A construção e contextualização das políticas públicas em saúde mental no Brasil. Em: *Revista Contemporânea*, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 10181–10202, 2023.

NEVES, Antônio, *et al.* A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. Em: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2023.

PAIM, Antônio. História das ideias filosóficas no Brasil – As correntes. Em: *Revista Brasileira*, Vol. 2, n 9, out/dez. 1996.

PARENTE, Breno de Oliveira Carvalho; HENRIQUE, Ana Carolina Pinto. Os caminhos da contrarreforma psiquiátrica brasileira: um estudo documental. Em: *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 14, n. 40, p. 1–29, 2022.

PERLS, Frederick. *Yo, Hambre Y Agresion*. Fondo de Cultura Económica, 1975.

PERLS, Frederick.; HEFFERLINE, Ralph. F. & GOODMAN, Paul. *Gestalt-Terapia*. Summus. 1977.

PIMENTEL, Adelma. *Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia*. SP: Ed: Summus. 2003.

PIMENTEL, Adelma. Atitude fenomenológica e gestáltica na clínica da ansiedade/pânico. Em: *Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*, vol., XXIX, n 1, 1-21, 2023.

PIMENTEL, A. Evidências do pensamento decolonial na literatura científica gestáltica brasileira. Em: *Revista Cocar. Edição Especial Dossiê Educação e Inclusão em Saúde Mental*, n 34, 2025.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. Em: *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (2), v-vi. 2007.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Caminhos históricos e epistemológicos da psicopatologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental* - Vol.1 N.2 - Out/dez. 2009.

SILVA, Jacira Maria de Oliveira; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(2), 254-257. 2008.

SILVA, Rafael Haddock da; DÉCIO, Roberto. Um Olhar Fenomenológico sobre as Crises Existenciais na Contemporaneidade. Em: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v.8, n.1, abr. 285-305. 2020.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SALES, Tatiane da Silva (Organização). Em: *Gêneros e sexualidades: tensões e desafios na Educação*. Editora da UFMA. 2021.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológico-existencial. *Universitas Ciências da Saúde*, v 1, n 1, 31-44. 2003.

VAN DEN BERG, Jan Hendrik. *O paciente psiquiátrico*. SP, Ed. Mestre Jou. 1981.

Recebido em: 12/07/2024 | Aprovado em: 25/05/2025